

Efeitos da doença no discurso: uma análise discursiva da obra *Controle*, de Natalia Borges Polesso

Bruna Medeiros Silva de Pinho¹

Resumo

A Análise do Discurso de linha francesa é uma teoria que propõe entender os processos de significação de sentido entre os sujeitos, considerando os campos da ideologia e do inconsciente, refletindo como estes se manifestam na língua. Em relação ao estudo proposto, concebemos que, a partir da visão de linguagem da Análise do Discurso, o discurso literário se abre como passível de análise por ser um discurso do cotidiano inserido em determinadas condições de produção, afetado pela ideologia. Para demonstrar como o discurso literário constitui-se dentro dos estudos da Análise do Discurso, realizamos uma análise discursiva de sequências escolhidas do *corpus* de arquivo. Considerando a obra literária *Controle*, da escritora Natalia Borges Polesso, como *corpus* empírico de análise, delimitamos o *corpus* discursivo através da verificação da frequência de elementos que aparecem em excesso nos recortes selecionados. Através das noções de ideologia, inconsciente, condições de produção, formação discursiva e posição sujeito, a “escolha” da palavra “problema” no discurso da sujeito-personagem pode produzir efeitos de sentido que deslizam para outros significados além do dicionarizado, bem como o corpo pode resistir a determinadas imposições discursivas sociais. A análise indica a porosidade das formações discursivas e as diferentes posições-sujeito, as quais podem ser tomadas pelos sujeitos numa mesma formação discursiva, da mesma maneira que traz a reflexão sobre como o discurso dominante da medicina opera na formulação dos discursos da sujeito-personagem.

Palavras-chave: Análise do discurso; Discurso literário; Corpo; Excesso.

Resumen

El Análisis del Discurso Francés es una teoría que propone comprender los procesos de significación entre los sujetos, considerando los campos ideológico e inconsciente, reflejando cómo estos se manifiestan en el lenguaje. En relación con el estudio propuesto, concebimos que, desde la mirada del lenguaje del Análisis del Discurso, el discurso literario se abre como sujeto de análisis por ser un discurso cotidiano inserto en determinadas condiciones de producción, afectado por la

¹ Graduanda em Bacharelado em Letras - Redação e Revisão de Textos pela Universidade Federal de Pelotas - UFPEL.

ideología. Para demostrar cómo se constituye el discurso literario dentro de los estudios de Análisis del Discurso, llevamos a cabo un análisis discursivo de secuencias seleccionadas del corpus de archivo. Tomando la obra literaria *Control*, de la escritora Natalia Borges Polezzo, como corpus empírico de análisis, delimitamos el corpus discursivo verificando la frecuencia de elementos que aparecen en exceso en los recortes seleccionados. A través de las nociones de ideología, inconsciente, condiciones de producción, formación discursiva y posición del sujeto, demostramos cómo la "elección" de la palabra "problema" en el discurso del sujeto-personaje puede producir efectos de sentido que se deslizan hacia otros significados más allá del diccionario, como así como el cuerpo puede resistir ciertas imposiciones discursivas sociales. El análisis muestra la porosidad de las formaciones discursivas y las diferentes posiciones de sujeto, que pueden ser asumidas por sujetos en una misma formación discursiva, de igual manera que trae una reflexión sobre cómo opera el discurso dominante de la medicina en la formulación de los discursos del sujeto-personaje.

Palabras clave: Análisis del discurso; Discurso literario; Cuerpo; Exceso.

Introdução

A Análise do Discurso (de aqui em diante AD) é uma área de estudos da linguagem que concebe o discurso como mediação fundamental entre os sujeitos, a forma de (se) significarem e como esse discurso produz sentidos através do sujeito. Apoiando-se em diversos conceitos fundamentais, como os de sujeito, ideologia, inconsciente, constrói um campo proveitoso para os pesquisadores do discurso. Neste estudo, tais conceitos se fazem necessários para desenvolvermos a análise proposta: realizar uma análise do discurso de linha francesa de um texto literário. O *corpus* empírico é o livro intitulado *Controle*, da escritora Natalia Borges Polezzo. Partindo desse corpus, faremos um necessário recorte a fim de utilizar algumas sequências discursivas (SD) para compor a análise. Para a construção do *corpus* discursivo, selecionaremos alguns trechos que o excesso transparece: as ocorrências da palavra "problema" no discurso da personagem principal (aqui, sujeito-personagem).

A ideia de escrever este artigo partiu do projeto de pesquisa *Estéticas da Resistência*², da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), coordenado pelas professoras Janaina Cardoso Brum e Mônica Ferreira Cassana, no ano de 2020.

² Projeto que tem como objetivo geral "identificar e analisar processos de produção de sentidos em que o equívoco seja tomado como modo primeiro de significar, a partir de diferentes materialidades discursivas", iniciado em 11/11/2020.

Conforme as leituras aconteciam e os conceitos eram apresentados, as conversas se tornaram mais interessantes, mesmo que a maioria dos participantes fosse nova na AD e a área parecesse, ainda, “espinhosa”. Ao longo das conversações, ficou mais fácil assimilar o que estava sendo trabalhado e criar uma afinidade muito intensa com o olhar não só linguístico, mas também social que a disciplina provoca.

Já no processo de pensar num material passível de análise, algumas autoras contemporâneas foram citadas pelas professoras, uma dessas autoras foi Natalia Borges Polesso, escritora brasileira, pesquisadora e tradutora. Fui pesquisar mais sobre as obras e a vida da escritora, pois ainda não tinha lido algo de autoria dela. Neste processo, os livros que selecionei foram *Amora*, *Controle* e *Recortes para álbum de fotografia sem gente*; ao longo das leituras, o romance *Controle* foi escolhido. O desejo de trabalhar com este livro foi devido à possibilidade de trabalhar com a interlocução entre o literário e o discursivo e à possibilidade de trabalhar com as questões abordadas na narrativa intensa da personagem principal, narrativa que aproxima a personagem com o leitor e, pessoalmente, traz muitas reflexões sobre o conceito da palavra controle, sobre o que esse controle significa e produz dentro da vida e do cotidiano particular e coletivo (simultaneamente). E assim, nasce este trabalho de conclusão de curso, a partir do projeto de pesquisa desenvolvido durante as reuniões citadas.

O livro *Controle* (2019) é narrado pela personagem principal, Maria Fernanda, ou melhor, Nanda, que, contando-nos sua história em retrospectiva, evoca memórias que começam e terminam da mesma forma: um acidente de bicicleta. Esse acidente desdobra-se na descoberta da epilepsia³. Narrado em primeira pessoa, acompanhamos a vida de uma jovem solitária que vive em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul e acaba se isolando em seu mundo e convivendo com seus conflitos internos após receber o diagnóstico da doença ainda na pré-adolescência. Essa condição impõe-se como um empecilho para viver desejos e vontades, bem como para seguir os estudos e continuar se relacionando com as amigas e os amigos. Acompanhamos alguém angustiada que aspira à liberdade não concedida pela sociedade, alguém que precisa de controle — da doença e da própria vida — e ao mesmo tempo em que ele é indevido, ou seja, o descontrole

³ A epilepsia é uma doença neurológica caracterizada por crises epiléticas recorrentes, causadas por uma descarga anormal de células nervosas no cérebro.

também é necessário em algumas ocasiões ao longo da sua vida, e o livro vai evidenciando isso para o leitor.

1 Breve retomada e alguns apontamentos sobre a teoria

A AD teve seu início no final da década de 60. Michel Pêcheux, um filósofo envolvido em discussões ao redor da Psicanálise, do Marxismo e da Linguística, disposto a mostrar a interlocução dessas áreas associada às questões referentes à luta de classe, à história e ao movimento social, é um dos principais fundadores da área, visto que ele estabelece uma ruptura epistemológica que eleva o estudo do discurso em questões teóricas ligadas à AD.

Para o estruturalismo, concepção em vigor na época, a língua é apreendida dentro de um sistema fechado sobre si mesmo, sem influências externas em relação ao mundo, ou seja, sem levar em conta as irregularidades advindas das relações sociais e exteriores à linguagem. Sendo assim, uma abordagem estritamente linguística não conseguiria dar conta de um estudo que considerasse o sujeito e a ideologia, projeto inicial de Pêcheux. É notório citar que a questão da exterioridade para os estudos em AD é indispensável, então, de acordo com o projeto de Pêcheux, seria necessária uma teoria do discurso capaz de desenvolver a relação entre elementos linguísticos e exteriores à linguagem, afetados por saberes de ordem histórica e ideológica. Nesse contexto, Pêcheux dá vida à sua teoria da AD.

Assim como a significação para Saussure é concebida como sistêmica, “para Pêcheux, ao contrário, a significação não é sistematicamente apreendida por ser da ordem da fala e, portanto, do sujeito, e não da ordem da língua, pelo fato de sofrer alterações conforme as posições ocupadas pelos sujeitos que enunciam” (MUSSALIM, 2001, p. 105). Sendo assim, a AD recusa não considerar a questão social e, além disso, recusa interpretações idealistas que, mesmo reintroduzindo o sujeito e frisando a ideologia, acabam distorcendo esse fenômeno, colocando-o como produto da expressão individualista da personalidade (ORLANDI, 1994).

Daí a proposta de Pêcheux para o quadro epistemológico da AD que se constitui de: a. Uma teoria das formações sociais e suas transformações, aí compreendida a teoria da ideologia; b. A Linguística como teoria ao mesmo tempo dos mecanismos sintáticos e dos processos da enunciação; c. A

teoria do discurso definida como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. Essas regiões devem ainda estar atravessadas por uma teoria do sujeito de natureza psicanalítica. (ORLANDI, 1994, p. 298)

Posto isso, a AD busca lidar com o deslocamento da noção de sujeito (não é mais o centro do discurso) e de linguagem, considerando a ideologia. Desse modo, evidencia a historicidade na linguagem já que não se pode pensar na existência de um sentido já posto, nem que o sentido pode ser qualquer um, porque a interpretação depende das condições de produção (CP).

As CP podem ser entendidas, conforme Orlandi (2020, p. 28-29), em sentido estrito como circunstâncias da enunciação, ou seja, trata-se do contexto imediato; e em sentido amplo como o contexto sócio-histórico e ideológico. Elas fazem parte da construção do sentido, pois a interpretação sempre será regida de CP específicas, sendo produto da história, ainda que naturalizada pela ideologia. As CP abarcam a exterioridade linguística que sustenta o dizer, “ademais, as condições de produção fortalecem o liame entre a língua e a história, fundamentos do processo discursivo, trazendo às circunstâncias da enunciação (contexto imediato), a historicidade de sentidos” (Leandro-Ferreira, 2020, p. 50).

Em seguimento, de acordo com Leandro-Ferreira ,

passa-se a entender a linguagem enquanto produção social, considerando-se a exterioridade como constitutiva. O sujeito, no que lhe concerne, deixa de ser centro e origem do seu discurso para ser entendido como uma construção polifônica, lugar de significação historicamente constituído (2020, p. 23).

É esse sujeito que a AD trabalha, o qual não é completamente livre nem completamente definido pela exterioridade, resultado da relação com a língua e a história.

Para entender como se dá o funcionamento do sujeito no discurso, os conceitos de ideologia e de inconsciente são pilares básicos. A ideologia é vista como a condição para a formação do sujeito e dos sentidos porque sem ideologia não há interpretação e não há sujeito, visto que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Pelo processo ideológico, o sujeito acredita que é fonte do seu

discurso, criando a falsa sensação de que a língua é transparente, uma ilusão, pois o sentido é um e não outro devido às CP em que se dá o movimento interpretativo. Portanto, “é no ato interpretativo que o sujeito se manifesta e, ao fazê-lo, toma posição na formação ideológica a qual se identifica” (Leandro-Ferreira, 2020, p. 170). Sendo assim, o sujeito, além de iludido pela transparência da linguagem, também é iludido quanto à sua posição, ao esquecer dessa posição para interpretar.

Já o conceito de inconsciente na AD, que advém da psicanálise, é concebido como uma estrutura de linguagem. Ele “mora” na cadeia significante, situada no local psíquico, a qual produz sentidos que agem antes no sujeito e manifestam a não-evidência e o não-controle da significação. Esse inconsciente da psicanálise é trazido à teoria da AD e funciona de modo a indicar que o sujeito não é a origem do que diz, mas origem da sua inscrição na história e na língua. O inconsciente afeta o discurso nos momentos nos quais “o sujeito se encontra livre de determinação da coerência lógica, dando a ver esta outra determinação, perceptível por intermédio das lacunas das manifestações conscientes.” (Leandro-Ferreira, 2020, p. 156).

Portanto, o inconsciente e a ideologia têm como característica comum o efeito de “dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências ‘subjetivas’, entendendo-se ‘subjetivas’ não como ‘que afetam o sujeito’ mas, mais fortemente, como ‘nas quais se constitui o sujeito” (ORLANDI, 2020, p. 44). Esse sujeito é afetado por traços da inscrição do inconsciente, por vestígios de assujeitamento ideológico e pela sua identificação em determinadas formações discursivas (FD). Assim, a produção de sentidos se dá no funcionamento da língua com a ideologia e com o inconsciente, o que é de interesse do analista do discurso, visto que, conforme Orlandi (2012), não existe um processo discursivo que não apresente falha, apagamentos e incompletudes, os quais servirão de vestígios para analisar a aparição da resistência do sujeito frente à ideologia.

2 Gesto de interpretação no discurso literário

Nota-se importante trazer alguns pontos sobre os procedimentos analíticos adotados aqui, tendo em vista que o *corpus* deste trabalho advém do campo literário. Os trabalhos na área de AD por muito tempo discorriam somente, em sua

maioria, sobre discursos políticos e jornalísticos/midiáticos. Os estudos não usuais à AD, como a produção literária, são dificilmente encontrados em composições acadêmicas, tais motivos não são evidentes, mas há uma resistência em se trabalhar com o literário e a AD conjuntamente. A literatura, enquanto um discurso literário, não seria possível de análise numa teoria do discurso por ser de caráter subjetivo e de composição intencional, conforme Mello (2005). Porém, alguns autores, como, por exemplo, Janaina Cardoso Brum e Mônica Ferreira Cassana, fazem a relação entre o discurso literário e a AD⁴.

Sabe-se que a AD é um campo vasto e proveitoso. A literatura é manifestação de linguagem e, onde é possível estabelecer linguagem, quem trabalha como analista de discurso conseguirá observar as formações discursivas e ideológicas manifestas, posto que toda obra literária está inserida em um determinado período histórico e faz parte de uma determinada sociedade. Dessa maneira, conforme Mello (2005), a AD se abre como um dispositivo analítico e teórico com variadas possibilidades de aplicação, passível de decorrentes mudanças, como acontece em tomar o literário como uma possibilidade de análise.

[a AD] tem abordado o texto literário segundo suas condições de emergência, as práticas de leitura, os quadros históricos e sociais de recepção, as condições materiais de inscrição e de circulação dos enunciados, a paratopia do autor e a cena de enunciação, enfim, o contrato literário com todas as suas especificidades, além dos discursos produzidos pelas diversas instituições que contribuem para avaliar e dar sentidos à produção e a recepção das obras literárias. (MELLO, 2005, p. 39)

Fazer uma análise de discurso utilizando o discurso literário nos possibilita ir além do que está escrito, nos faz pensar nas CPs, na historicidade, nos sujeitos-personagens que, conseqüentemente, são assujeitados, nos próprios sujeitos-leitores os quais são afetados. Conforme Cassana (2021, p. 246), “[...] ao

⁴ As autoras trazem vários estudos ligando as duas áreas e são coordenadoras do projeto Estéticas da Resistência. O que nos diz o projeto: “Ademais, no que concerne ao discurso artístico especificamente, são poucas as pesquisas que o tomam como objeto na Análise de Discurso. Por isso, é um campo a explorar, o que pretendemos fazer neste projeto, seja no que diz respeito à literatura, ao cinema, ao humor, ao corpo e a outras manifestações que possam ser tomadas como do campo discursivo das artes. Quanto a isso, cabe salientar que os estudos que agregam as áreas da linguística e da literatura, no campo específico das letras, são poucos, o que abre, também, um campo a explorar”. Disponível em <https://institucional.ufpel.edu.br/projetos/id/u3759>. Acesso em: 19 dez. 2022.

identificarmos as circunstâncias em que esse discurso é produzido, compreendemos como a linguagem nos oferece pistas para pensarmos a relação estabelecida a partir desse lugar de análise”. Tudo isso para apontar que o discurso literário dentro da AD tem seu lugar e também é passível de análise, sendo essa uma das propostas deste artigo. Desta forma, a obra literária *Controle* está inserida numa determinada condição histórica que afeta os sujeitos-leitores ao produzirem movimentos de leitura.

Agora, após os devidos apontamentos sobre as bases teóricas que sustentam a posição da AD, e considerando a obra literária como *corpus* empírico de análise, faremos alguns apontamentos sobre as bases da análise. O *corpus* de arquivo se encaixa melhor na proposta aqui desenvolvida em razão do *corpus* de arquivo estar relacionado a materiais produzidos previamente, conforme Courtine (2009), sendo um documento no qual se encontram referências disponíveis sobre determinadas questões. Além disso, a noção de arquivo também está ligada à “relação da materialidade com a ideologia, com o político e com o poder”, como afirma Leandro-Ferreira (2020).

“[...] a construção do *corpus* e a análise estão intimamente ligadas: decidir o que faz parte do *corpus* já é decidir acerca de propriedades discursivas.” (ORLANDI, 2020, p. 61). Sendo assim, nosso *corpus* teve como ponto inicial a leitura do romance *Controle*, a partir das noções de *falta*, *excesso* e *estranhamento*, conforme discussão realizada por Ernst-Pereira (2009). Nesse gesto de leitura, notamos uma repetição, ou seja, elementos que se traduzem em um *excesso no discurso* que:

[...] se caracteriza por aquilo que está demasiadamente presente no discurso. Consiste: [...] 2) na reiteração incessante de determinados saberes interdiscursivos que tomam formas diferentes no intradiscurso, mas mantêm os mesmos pressupostos ideológicos com vistas ao estabelecimento. Em suma, trata-se [...] de buscar estabelecer provavelmente a relevância de saberes de uma determinada formação discursiva através da repetição (ERNST-PEREIRA, 2009, s/p).

Então, a delimitação do *corpus* empírico para o *corpus* discursivo ocorre através da frequência desses elementos que se repetem, possibilitando a construção de um gesto de interpretação que delimita esse *corpus* discursivo. Observamos que, durante a construção de nosso gesto de leitura, diversas vezes a

palavra “problema” é discursivizada como sinônimo de outras que apontam para outros sentidos. A partir de um recorte discursivo, o qual permitiu construir passagens discursivas que obedeceram a “critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso” (ORLANDI, 2020), montamos o *corpus* para seguir a análise. Serão 3 sequências discursivas (SD) analisadas, as quais aparecem neste trabalho na mesma ordem que aparecem no livro.

3 Análise

A análise, como já mencionado, é feita sobre o discurso da sujeito-personagem que, através do uso da palavra “problema”, narra situações em que a epilepsia provoca efeitos de doença em seu corpo. Durante isso, conforme Orlandi (2020), sempre retomaremos a teoria para sustentar a análise, pois a análise de discurso demanda um ir-e-vir constante entre elas. Temos, então, a sequência discursiva 1 (SD1):

SD1 Dois anos em que me senti um fardo. Peso morto-vivo ou vivo-morto. Eu tinha me tornado uma pessoa apática e agressiva. Ninguém gosta de lidar com problemas e, como eu parecia ser um, optava sempre pelo revide. Aliás, eu parecia ter sido reduzida a um problema e só. (POLESSO, 2019, p. 45, grifo nosso)

Observemos que, nesta primeira SD, no uso da palavra “problema”, há uma “humanização” da palavra no discurso da sujeito-personagem ao comparara a si a um problema. Igualar-se a ele é colocá-lo em equiparação com a doença. Pode-se pensar nesse processo porque temos uma referência a uma FD dominante da medicina que trabalha com o ideal de corpo sadio, posto que um corpo doente está fora desse ideal, conseqüentemente, ela acaba se desidentificando com a forma-sujeito do discurso da medicina. Cassana (2016) aponta que,

assim, o discurso sobre os corpos se constrói na relação com estereótipos, com padrões de “normalidade”, que são produzidos a partir de uma perspectiva médica, científica e biológica e passam a compor a própria história dos corpos (CASSANA, 2016, p. 18).

Sobre a FD médica, ainda podemos relacioná-la ao discurso da saúde e da doença. Uma pessoa que necessita da cura é porque está doente e se está doente, não está saudável. A medicina procura essa patologia para curá-la, porém, a epilepsia não tem cura, a doença sem cura foge do imaginário de uma estabilidade — sendo justamente a noção de controle — o discurso médico ajuda a controlar a doença, porém, a epilepsia não cabe no que é da ordem do estabilizado. Podemos retomar Pêcheux no que diz respeito à lógica disjuntiva:

A esta série vem se juntar a multiplicidade das “técnicas” de gestão social dos indivíduos: marcá-los, identificá-los, classificá-los, compará-los, colocá-los em ordem, em colunas, em tabelas, reuni-los e separá-los segundo critérios definidos, a fim de colocá-los no trabalho, a fim de instruí-los, de fazê-los sonhar ou delirar, de protegê-los e de vigiá-los, de levá-los à guerra e de lhes fazer filhos... este espaço administrativo (jurídico, econômico e político) apresenta ele também as aparências da coerção lógica disjuntiva: é “impossível” que tal pessoa seja solteira E casada, que tenha diploma E que não o tenha, que esteja trabalhando E que esteja desempregado, que ganhe menos de tanto por mês E que ganhe mais, que seja civil E que seja militar, que tenha sido eleito para tal função E que não tenha sido, etc... (PÊCHEUX, 2015, p.30)

Nesse viés de uma coerção que separa e conduz os sujeitos, a sujeito-personagem ou está doente, ou está saudável, porém, ela está transitando entre os “sãos” e os “doentes”, essa coerção produz efeito de sentido no discurso da sujeito-personagem, ao mesmo passo que há resistência (de *classificá-la*, *colocá-la em ordem*, o que não é possível), marcada materialmente na língua. Aqui, a linguagem faz o furo, diz que é problema, porque não há cura, a pessoa doente que porta essa instabilidade, acaba se distanciando da simbolização científica. A epilepsia é uma doença que afeta todo o corpo. Em uma convulsão, por exemplo, a qual é uma forma mais intensa de crise epilética⁵, a pessoa perde os sentidos e o controle do próprio corpo. Essa doença — sem cura, sem controle (pelo menos no momento de uma crise forte ou convulsão), pode ser vista como um problema que resiste ao discurso médico da saúde/cura.

⁵ Crise epilética é um episódio em que há perturbação no processo de comunicação entre os neurônios. Para trocar informações, essas células cerebrais transmitem impulsos elétricos. A crise epilética ocorre quando existe um descontrole nesse processo, levando a reações anormais. Disponível em: <https://telemedicinamorsch.com.br/blog/crise-epileptica#:~:text=Crise%20epil%C3%A9ptica%20%C3%A9%20um%20epis%C3%B3dio,processo%2C%20levando%20a%20rea%C3%A7%C3%B5es%20a%20normais>. Acesso em: 19 dez. 2022.

De acordo com Ferreira, do ponto de vista do doente:

a interpretação da doença não se faz apenas com base em sensações fisiológicas, uma vez que a própria leitura das sensações é uma construção social. Isso significa que a percepção das sensações como alterações faz parte de um aprendizado que diz respeito a significados socialmente compartilhados. (FERREIRA, 2001, p. 92)

A ideologia opera nesses “significados socialmente compartilhados”, ou seja, opera, em conjunto, no processo de constituição do sujeito e na estruturação do processo de significação. E nessa FD médica citada é o lugar pelo qual ocorre essa significação, ou seja, a constituição desses sentidos. De acordo com Pêcheux (1995), podemos analisar essa significação que a sujeito-personagem faz da palavra “problema”, que faz parte do pré-construído socialmente sobre a palavra “doença”. Esse pré-construído provoca um efeito de sentido semelhante ao sentido cristalizado sobre a doença, trabalhando, no fio do dizer, como se fossem sinônimos (problema=doença).

Ora, aqui há um apagamento da sujeito-personagem enquanto sujeito com características únicas. Nesse contexto, ao identificar-se como "problema", o sujeito passa a desconhecer sua própria posição subjetiva ao identificar-se com a doença. Ademais, tem-se o advérbio “aliás” que reafirma o que já foi dito por ela. Desse modo, o referido ideal de corpo sadio está no interdiscurso da FD médica e, através do imaginário que existe nessa FD de um corpo sadio, sem doenças, a epilepsia emerge como uma tensão porque rompe com essa estabilidade, provocando um furo nesse imaginário de que a Medicina pode curar qualquer doença. Mesmo que a doença também esteja dentro dessa FD, ora, a medicina precisa de um corpo doente para que possa existir (e curá-lo), essa doença não pode ser curada. Assim, temos a doença revelando o impossível.

A SD2 mostra a palavra “problema” novamente como sinônimo de doença, porém, nota-se que há a nominalização da doença com as palavras “doente” e “epiléptica”. Há, ainda, a inserção do discurso do outro no discurso da sujeito-personagem.

SD2 “ ‘— Pelo amor de deus, Nanda. Para com isso. Não é pra tanto. Tu te vira muito bem sozinha pra.’ — E parou. Sentei na cama,

com a boca espremida, olhei fundo na Joana.— Não é pra tanto... eu me viro muito bem sozinha para alguém que tem um problema. Pra uma doente. Pra uma epilética. Tá procurando uma dessas palavras?” (POLESSO, 2019, p. 72, grifo nosso)

Sobre a inserção do discurso do outro, no trecho “ *‘Pelo amor de deus, Nanda. Para com isso. Não é pra tanto. Tu te vira muito bem sozinha pra...’* ” quem fala é Joana, (outra personagem, amiga da personagem principal). A sujeito-personagem, logo em seguida, antecipa-se à conclusão do dito pela amiga, que não termina a frase, e conclui: “*não é pra tanto... eu me viro muito bem sozinha para alguém que tem um problema. Pra uma doente. Pra uma epilética.*” Essa discursivização nos leva à noção de Formação Imaginária, já que a sujeito-personagem designa a imagem que ela mesma faz do seu próprio lugar e, conforme Leandro-Ferreira,

as manifestações imaginárias manifestam-se, no processo discursivo, através da antecipação, das relações de força e de sentido. Na antecipação, o emissor projeta uma representação imaginária do receptor e, a partir dela, estabelece suas estratégias discursivas (LEANDRO-FERREIRA, 2020, p.125).

Já nas relações de força, elas são determinadas pelo lugar de onde fala o sujeito; e nas relações de sentido, elas presumem que não ocorre discurso que não tenha ligação a outros. Quando a amiga tenta “procurar” as palavras para nomear a sujeito-personagem e não consegue finalizar, a sujeito-personagem se antecipa, acessando o interdiscurso que lembra a FD médica, que nomeia as pessoas com epilepsia, já que tais saberes estão relacionados ao interdiscurso dessa FD. O que confirma isso é quando a sujeito-personagem pergunta: “*Tá procurando uma dessas palavras?*”, deixando aparente que as duas “têm acesso”, ou seja, são afetadas pelos mesmos sentidos.

Em relação a referida nominalização feita pela sujeito-personagem, pode-se perceber que advém da FD médica. A sujeito-personagem “incorpora” a FD médica ao se identificar com ela quando se nominaliza dessa forma. De acordo com Ferreira,

[...] o corpo doente porta significados sociais, à medida que sensações corporais experimentadas pelos indivíduos e as interpretações médicas dadas a estas sensações são feitas de acordo com referenciais específicos a estes dois pólos. A capacidade de pensar, exprimir e identificar estas mensagens corporais está ligada a uma interpretação que procura determinada significação. (FERREIRA, 2001, p. 92)

Notemos que a sujeito-personagem, ao fazer esse gesto, constrói, progressivamente, a partir da palavra “problema”, a identificação como epilética. Temos, então, uma discursivização que passa de “alguém que tem um problema” para “uma doente” e, por último, “uma epilética”. Essa construção sintática parece mostrar “momentos” da construção do sujeito. “Ter um problema” revela um sentido de algo que pode ser temporário, resolvido. Já quando a sujeito-personagem se identifica utilizando o adjetivo “doente”, mostra, no discurso, uma adesão aos saberes mais consolidados, ou seja, estreita ainda mais a FD com a qual se identifica. Ao dizer-se “uma epilética”, a sujeito-personagem se identifica ainda mais com a FD médica recortada pela doença, como se sua “existência” estivesse marcada pela história da própria doença. Tem-se um “problema”, esse problema é uma “doença” e essa doença é a epilepsia. Conclui-se, então, que o problema é a epilepsia. Reconhecer as pessoas com epilepsia exclusivamente como “epiléticos” origina-se de um discurso médico-científico carregado de preconceitos.

O estudo de Barbosa⁶ (2007, p. 11) ajuda-nos a investigar a discursivização produzida pela sujeito-personagem: o autor explica que “são muitas as manifestações desse preconceito [...] ao confundir o doente com a doença, marcando o primeiro com a estigmatizada identidade de epilético”. A doença, entre os anos 1859 e 1905, era marginalizada pela elite médica. As pessoas com epilepsia eram culpadas pela sua própria exclusão, aconselhadas a não frequentar espaços públicos, assim como eram submetidas a extremos tratamentos higiênicos. Temos, então, um trecho retirado do trabalho de Barbosa (2007) que traz a conclusão de uma tese de um formando em medicina no ano de 1872:

Acreditam alguns que sobre o epilético, condenado a outrora a uma verdadeira morte moral, deve pairar ainda o estigma fatal que o tem

⁶ O estudo referido intitula-se *Dois Quadros da Desordem: mudanças no discurso médico sobre epilepsia entre 1859 e 1905*. Rio de Janeiro, dezembro de 2007.

acompanhado através dos séculos. O desafortunado continua a ser causa de pesar constante e de consternação eterna para a família e como em outros tempos não lhe são permitidos os belos sonhos da mocidade, sonhos de futuro e amor. Abjeto paira sem um instante de repouso, arrastará inevitavelmente uma vida torturada por pungentes dores morais e por sinistras apreensões (BARBOSA, 2007, p. 3).

Tais conclusões inapropriadas — feitas durante muitos estudos, foram ocasionadas pela falta de conhecimento que se tinha por parte do corpo médico da época e pelos valores da sociedade da segunda metade do século XIX e revelam a FD médica como lugar de reinvenção e tensão de sentidos, como um discurso dominante que produz um efeito de verdade sobre o corpo. Essa rede de saberes do período citado é revestida não só pelo fundamento de autoridade científica, mas também pela prestigiada posição social a qual os médicos ocupavam. Vale destacar que os estudos sobre a epilepsia começam a se modificar, de maneira significativa, somente a partir do século XX.

Portanto, cabe atentar-se que, na SD1, a sujeito-personagem faz um movimento de desidentificação com a forma-sujeito do universo estabilizado da FD, porém, na SD2, a sujeito-personagem “incorpora” a FD médica recortada pela doença. Isso mostra a porosidade das FDs e as diferentes posições-sujeito tomadas pela sujeito-personagem, sendo assim,

acreditamos que a heterogeneidade está inscrita em qualquer posição-sujeito e, mais, constitui-se como o motor da mudança dos saberes que se inscrevem nessa posição-sujeito, já que é só em relação à exterioridade que podemos entender a movência constante dos sentidos e, por extensão, das posições-sujeito, posto que é através delas que são constituídos esses sentidos. (BRUM, 2015, p. 54)

À vista disso, notamos que, dentro da FD médica, através de tais usos feitos no discurso da sujeito-personagem (e do discurso outro), temos várias posições-sujeito com as quais essa sujeito-personagem se identifica, desidentifica e produz efeitos de sentido diferentes em cada tomada de posição.

Em seguida, temos a SD3, na qual a sujeito-personagem manifesta o desejo de viver sem a doença e de ser "normal", ou seja, de estar identificada com os

saberes da FD médica recortada pelo discurso da saúde, o que se apresenta nesse trecho da narrativa:

SD3 *Ele tinha razão. Talvez eu quisesse viver. Viver bem. Não com uma porra de uma vida cheia de merda. Eu queria ser normal. Não ter um problema. Eu queria me apaixonar. Queria sentir coisas que não conseguia verbalizar e que só de pensar me davam vergonha. Eu disse pra ele: “Porra de vida cheia de merda” e ele me disse que todos nós tínhamos problemas e que eu seria muito ingênua se pensasse que aquilo era uma exclusividade minha. “O mundo contra Maria Fernanda”, disse, com um sorriso sádico na boca. (POLESSO, 2019, p. 89, grifo nosso)*

A sujeito-personagem coloca em evidência que não quer ter um problema, quer ser normal. A normalidade descrita pela sujeito-personagem decorre de um discurso dominante — como já referido, o da FD médica. Os discursos dominantes, inseridos em uma FD, tentam regulamentar que se pode e o que não se pode ser dito e feito, conforme Pêcheux (2020, p. 88), as FD “determinam o *que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de um pronunciamento, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa e etc. a partir de uma dada posição numa dada conjuntura” (grifo do autor). As FD são espaços de tensão que abarcam diversos sentidos e saberes. Dessa forma, estar desidentificada da FD médica da saúde, de corpo ideal, entendida como estabilizada, é adentrar ao universo dessa mesma FD, só que a “parte” que acolhe os saberes da doença, doença a qual é marginalizada. Sendo assim, essa FD que visa a normalidade, o corpo sadio, afeta o discurso da sujeito-personagem.

Com o capitalismo, não se deu a passagem de uma medicina coletiva para uma medicina privada, mas justamente o contrário. O capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos, não se oporá simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal, que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política. (FOUCAULT, 1979, p. 80).

Esse controle da sociedade sobre os indivíduos pelo corpo, sobre o qual Foucault escreve, diz respeito à biopolítica, a qual busca definir mecanismos reguladores na ordem social, ao invés de individual. Ou seja, de acordo com Wermuth (2017), a sociedade deixa de considerar o corpo individual do sujeito e passa a regulamentar e normatizar os corpos para serem úteis para o sistema de produção vigente — o capitalismo. Portanto, como regulamentar um corpo o qual (mesmo que a doença não atrapalhe em determinados momentos) não é normal nem útil numa visão biopolítica? Sendo assim, esse corpo resistente só é “controlado”, mas nunca será validado às “expectativas” médicas e capitalistas da sociedade.

Seguindo as análises, o imaginário da sujeito-personagem, afetado pela FD médica, indica pistas as quais nos fazem supor que seu corpo doente é o maior problema a ser resolvido. Sua vida seria perfeita sem a doença, podendo, assim, viver em felicidade plena se não a tivesse. Porém, nada a impede de viver, de sentir e de apaixonar-se, nem mesmo a doença⁷, mostrando haver um confronto entre um ideal de corpo, produzido no imaginário, e o real do corpo fraudado pela doença. Conforme Leandro-Ferreira (2011),

(...) o corpo tomado como materialidade discursiva que se constrói pelo discurso, se configura em torno de limites e se submete à irrupção da falta que lhe é constitutiva. Para trabalhar com esse objeto será trazido ao campo discursivo uma categoria que procede da psicanálise, que é o real do corpo. A exemplo do que singulariza o registro do real, o real do corpo vem a ser é o que sempre falta, o que retorna, o que resiste a ser simbolizado, o impossível que sem cessar subsiste (LEANDRO-FERREIRA, 2011, p. 95).

⁷ Retirado do site Liga Brasileira de Epilepsia (LBE) sobre verdades e mitos acerca da doença: O paciente com epilepsia pode levar uma vida normal – VERDADE. Pacientes bem controlados podem e devem trabalhar, praticar esportes, casar, ter filhos, etc. Até mesmo dirigir o paciente pode após 2 anos de controle e bom seguimento clínico.

Com base nesta citação de Leandro- Ferreira, podemos retomar o que foi dito Na SD1 sobre a doença sem cura. A epilepsia “resiste a ser simbolizada”, ou seja, a epilepsia é o real do corpo⁸.

Conclusão

Neste trabalho, procuramos analisar as recorrentes aparições da expressão “problema” num discurso de uma sujeito-personagem afetada pela doença, assim como outros elementos discursivos atrelados a essa construção e os possíveis efeitos de sentido que tais aparições produzem. É importante destacar que não se pode pensar no efeito-texto⁹ como pronto acabado e o discurso como processo de constituição de sentido, mas sim como esse enunciado produz sentido a partir da historicidade. Com base nisso, a análise discursiva dessas SD mostrou que o discurso da sujeito-personagem, afetado pelo inconsciente e a ideologia, resiste a ser estabelecido a partir de um discurso dominante. Enquanto sua vida e seu corpo passam pelos processos da doença, a sujeito-personagem constrói um discurso que se afasta dos saberes médicos em determinados movimentos, resistindo ao saber dominante sobre o corpo.

Considerar-se desordem em um mundo que exige ordem, não ter o controle sobre seu corpo ou ser controlada pela doença são alguns sintomas de discursos dominantes — quais quer sejam eles, mas, nesse caso, deu-se foco no discurso dominante da medicina. O sujeito interpelado pela ideologia produz esses significados no seu processo discursivo, deixando alguns vestígios, “o que temos, como produto da análise, é a compreensão dos processos de produção de sentidos e de constituição dos sujeitos em suas posições” (ORLANDI, 2020, p. 70). Assim, a língua, por meio da qual nem tudo pode ser dito, abrange um espaço para o impossível de ser dito, impossível de ser significado, impossível de ser normatizado ou controlado, como esse corpo doente.

A sujeito-personagem, ou, aqui, a Nanda, nesse mundo em que a priva de experiências e a impossibilita de *sentir* por ter epilepsia, acaba perdendo o controle de seu autoconhecimento, de seus desejos, ao passo que estes mesmos

⁸ Neste artigo, não nos aprofundaremos sobre o conceito de real da língua/ real do corpo, visto que é necessário um estudo mais aprofundado sobre o assunto. Porém, essa questão surge como ponto de partida para futuras análises, ou seja, para a continuação deste estudo.

⁹ Conforme Gallo (1994) o “efeito-texto” é o efeito de realidade e unidade do enunciado.

sentimentos resistem e a impulsionam a *desejar*. Desejar desfazer as amarras e ter (pelo menos) a falsa sensação que está livre delas.

Referências

BARBOSA, Leonardo Martins. **Dois Quadros da Desordem: mudanças no discurso médico sobre epilepsia entre 1859 e 1905**. 2007. 57f. Monografia (bacharel) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - Departamento de História. RJ, 2009. Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/producao/leonardomonografia.pdf>. Acesso em: 28 set. 2022.

BRUM, Janaina Cardoso. **Sentidos em desalinho: O Fantasma da Liberdade entre a evidência e o equívoco**. 2015. 287f. Tese (doutorado) - Universidade Católica de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Letras. Pelotas, 2015. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/ppgl/files/2018/11/Sentidos-em-Desalinho_O-Fantasma-da-Liberdade-Entre-a-Evid%C3%Aancia-e-o-Equ%C3%ADvoco-Janaina-Cardoso-Brum.pdf. Acesso em: 03 out. 2022.

CASSANA, Mônica Ferreira. A heterogeneidade do dizer na obra “A amiga genial”, de Elena Ferrante: uma análise discursiva. **Revista Entrelaces**, v. 12, nº 01. Jan. - Mar. 2022.

CASSANA, Mônica Ferreira. **Corpos impossíveis: a (des) ordem do corpo e a ambivalência da língua no discurso transexual**. 2016.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Paulo: EdUFSCar, 2009.

COURTINE, Jean-Jacques. **História do Corpo**. Tradução e revisão Ephraim F. Alves. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008. p. 253-340.

ERNST-PEREIRA, Aracy. **A falta o excesso e estranhamento na constituição/interpretação do corpus na/da Análise do Discurso**. Porto Alegre: IV SEAD - Seminário De Estudos em Análise do Discurso. 2009.

FERREIRA, Jaqueline. Semiologia do corpo. In: LEAL, O.F. (Org.). Corpo e Significado: ensaios de antropologia visual. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2001, 89-104.

GALLO, Solange Leda. Texto: como apre(e)nder essa materia?. 1994. 214f. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000075114>>. Acesso em: 03 nov. 2022.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem , discurso. In: BARONAS, Roberto Leiser. (org.). **Análise de discurso: apontamento para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. Araraquara: Letraria, 2020. Disponível em: <https://www.letraria.net/wp-content/uploads/2020/03/An%C3%A1lise-de-discurso-apontamentos-para-uma-hist%C3%B3ria-da-no%C3%A7%C3%A3o-conceito-de-forma%C3%A7%C3%A3o-discursiva-Letraria.pdf>. Acesso em: 04 de nov. 2022.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O corpo como materialidade discursiva. **REDISCO**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2697/2242>. Acesso em: 01 nov. 2022.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. **Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina (org.). **Glossário de termos do discurso**. 1ª ed. Campinas, SP : Pontes Editores, 2020.

MELLO, Renato de. (org). **Análise do Discurso & Literatura**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 2, n. 2, p. 101-142, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**/Eni P. Orlandi–13ª Edição, Campinas, SP: Pontes, 2020.

ORLANDI, Eni P. **Discurso em análise: sujeitos, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. O lugar das sistematicidades lingüísticas na Análise de Discurso. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 10, n. 2, 1994.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani, 2ª ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2008.

POLESSO, Natalia Borges. **Controle**. 1ª ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.

Qual a relação entre a saúde e a doença?. **Rev. NUFEN**, São Paulo , v. 5, n. 2, p. 23-45, 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912013000200003&lng=pt&nrm=iso>. acesso em: 20 out. 2022.

WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi. **O conceito de biopolítica em Michel Foucault: notas sobre um canteiro arqueológico inacabado**. 2017. Disponível em:

<https://emporiododireito.com.br/leitura/o-conceito-de-biopolitica-em-michel-foucault-notas-sobreum-canteiro-arqueologico-inacabado>. Acesso em: 17 de jul. De 2022.